



# **ESTUDO DE EVOLUÇÃO DO TECIDO URBANO DE CAMPINAS/SP NO PERÍODO DE 1910 a 1929**

**Palavras-Chave:** morfologia urbana; paisagem urbana; Campinas.

**Autores(as):**

**Thaila Moraes Alves, FECFAU – UNICAMP**

**Prof. Dr. Evandro Ziggiatti Monteiro, FECFAU – UNICAMP**

**Me. Juliana Rodrigues Machado, FECFAU - UNICAMP**

---

## **INTRODUÇÃO:**

As cidades são compostas por elementos físicos - ruas e quarteirões, bairros, áreas verdes, edifícios e espaços públicos - que permeiam e definem coreografias e dinâmicas urbanas. A morfologia urbana tem como objetivo, justamente, compreender a forma e a estrutura das cidades a partir desses elementos morfológicos. Há diversas escolas de morfologia que buscam realizar tal análise por meio de metodologias e abordagens diferentes; nesta pesquisa, foi selecionada a escola britânica, que tem como método a visão tripartite e a ideia de períodos morfológicos. O objetivo desta pesquisa é realizar um levantamento da evolução do tecido urbano, utilizando a morfologia italiana - que estuda o tipo e a sua relação com a paisagem urbana - para a análise da região central de Campinas entre os anos de 1910 e 1929. A partir da reconstituição das bases cartográficas, do período selecionado, utilizando SIG, foi possível concluir que o processo de levantamento deve abarcar não apenas a utilização de mapas históricos, mas também de bases cartográficas e cadastrais mais recentes, ademais o uso de evidências morfológicas remanescentes, para que assim os resultados sejam de maior confiabilidade. A análise morfológica, combinada à compreensão do desenvolvimento histórico da área urbana de Campinas, permite a apreensão de percepções que podem ser aplicadas futuramente na paisagem urbana, orientando políticas públicas e planos urbanísticos que garantam uma cidade mais funcional e sustentável para seus moradores, voltada à permanência, com atrativos e identidade.

O objetivo geral da pesquisa era de identificar e mapear as regiões morfológicas da cidade de Campinas no período entre os anos de 1910 a 1929. Sendo assim, foi abarcado: 1) o levantamento e coleta de dados relacionados ao período histórico do recorte temporal; 2) a investigação e sistematização de fontes iconográficas do período; 3) a elaboração de mapas da região central da cidade de Campinas em SIG a partir de mapas históricos e fontes iconográficas; 4) a identificação e mapeamento das regiões morfológicas urbanas de acordo com a visão Tripartite da Região Central da

cidade de Campinas; 5) e a discussão de possíveis potencialidades, em termos de planejamento urbano, para a valorização da paisagem cultural correspondente ao período morfológico estudado.

## **METODOLOGIA:**

A revisão bibliográfica utilizada neste projeto de iniciação científica foi dada para a melhor compreensão dos fundamentos desenvolvidos pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana. Segundo Gil (2008), a revisão da bibliografia tem como objetivo obter fundamentação teórica proveniente de diversas fontes de dados – tais como, artigos, livros e outros - sendo indispensável em estudos históricos. Diante da necessidade da consulta de documentos - sendo eles mapas, fotografias, leis e registros da cidade de Campinas - este projeto utiliza a coleta de materiais que “ainda não receberam tratamento analítico” (GIL, 2008, p.46) sobre a Cidade de Campinas.

A análise morfológica urbana da Escola Inglesa da região central de Campinas foi utilizada de acordo com a metodologia da visão Tripartite da Escola Inglesa: [1] plano urbano; [2] tecido urbano; e [3] padrão de uso e ocupação do solo e edificações (CONZEN, 2004). Já a análise morfológica urbana da Escola Italiana, nesta pesquisa, foi considerada para a investigação e sistematização das fontes iconográficas, utilizando a metodologia da tipologia para identificar as regiões morfológicas. Essas metodologias possibilitaram uma melhor compreensão aprofundada, de modo com que identificação das regiões morfológicas foi alcançada com êxito.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

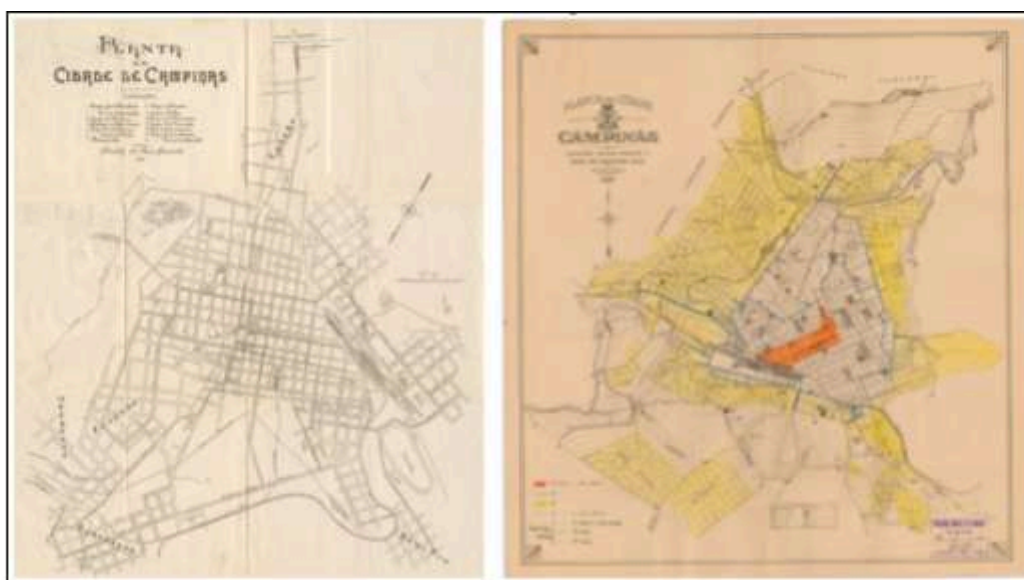
Entramos em contato com o Centro de Memória da UNICAMP, com o Museu da Cidade de Campinas e com o Arquivo Público do Estado de São Paulo; do segundo tivemos acesso a mapas de 1916 e 1929; do terceiro tivemos acesso apenas a um mapa de 1929. Portanto, dado os anos dos



*Figuras - SEQ Figura 1\* ARABIC 1, 2 e 3 – Alguns dos mapas fornecidos pelo Museu da Cidade de Campinas – Respectivamente: Planta da Cidade de Campinas seus edificios principais, 1878, engenheiro Luiz Pucci; Planta de Campinas, 1878, Dr. Julio Mariano Junior; Planta da Cidade de Campinas seus edificios principais, 1878, engenheiro Luiz Pucci – fonte: Museu da Cidade de Campinas.*

mapas que encontramos, tivemos que alterar o período que seria analisado de 1910-1929 para 1916-1929.

A partir da sobreposição dos mapas (de 1916 e 1929) com o desenho urbano atual de Campinas – processo feito inicialmente utilizando o AutoCAD – foram detectadas algumas incongruências, sobretudo devido à diferenciação de precisão entre os mapas históricos e as bases cartográficas atuais; mesmo que sejam de alta confiabilidade, os mapas históricos, além de terem sido feitos à mão, não são georreferenciados, o que acontece atualmente. Esta foi uma das primeiras discussões provenientes do processo da pesquisa: a importância de um levantamento abarcar não apenas a utilização de mapas históricos, mas também de bases cartográficas e cadastrais mais recentes, ademais o uso de evidências morfológicas remanescentes, para que assim os resultados sejam de maior confiabilidade.



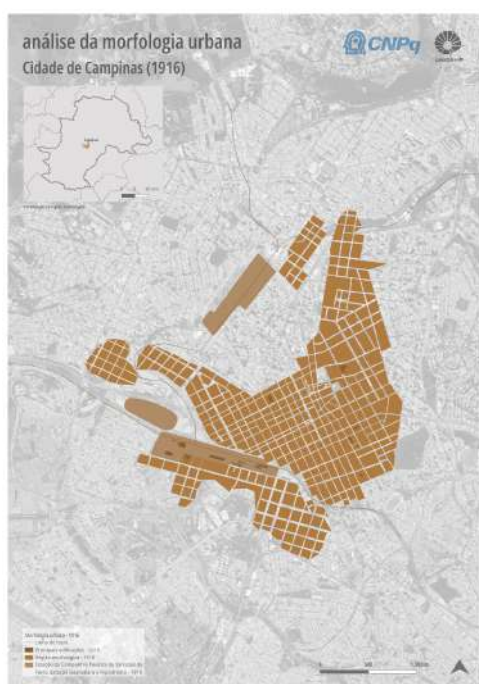
Figuras 4 – Mapa da Cidade de Campinas, 1916 - fonte: Casa Genoud.  
Figura 5 - Mapa da Cidade de Campinas, 1929 - fonte: Prefeitura de Campinas.

Foram elaborados três mapas finais, sendo um deles proveniente da configuração urbana de 1916, outro da configuração urbana de 1929 e, por fim, um com a sobreposição dos desenhos urbanos dos dois anos – os mapas foram desenvolvidos utilizando os programas AutoCAD e QGis.

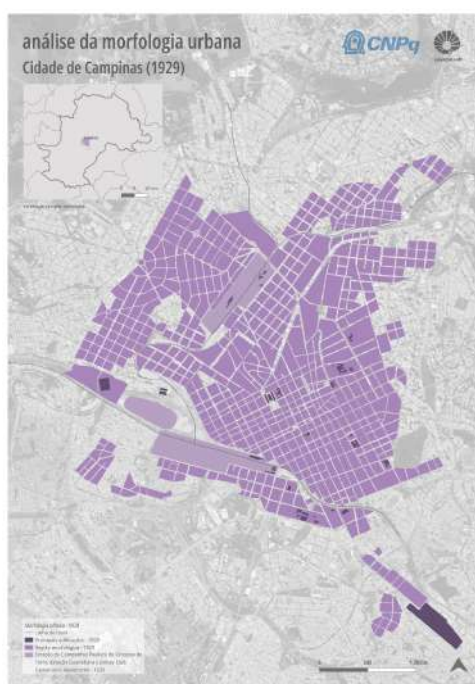
Os mapas de 1916 e 1929 são visualmente bem diferentes entre si, considerando sobretudo o seu tamanho em extensão. Ao se sobrepor os dois mapas, é possível verificar que a cidade começa a se expandir seguindo a linha de trem que se direciona a Paulínia, Jaguariúna e Pedreira, passando pela Estação Guanabara - contudo, a continuidade do desenho sentido sul também não pode ser desconsiderado, mesmo que ocorra em menor proporção.

Considerando a visão tripartite para a análise sistemática da paisagem urbana, foi possível concluir os seguintes pontos:

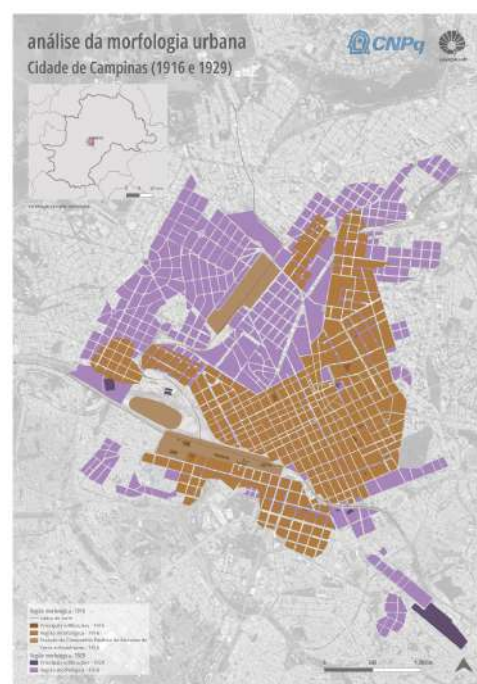
- 1) No campo do tecido urbano, a expansão da cidade de Campinas é acompanhada pela diversificação do desenho urbano. Em 1916, é possível observar a predominância de desenhos ortogonais e irregulares, enquanto que a partir de 1929, passam a surgir alguns desenhos que tendem ao plano radiocêntrico - destacando-se o atual bairro Jardim Guanabara, onde hoje se encontra a Torre do Castelo;
- 2) No contexto de uso e ocupação dos edifícios, é notado que empreendimentos e serviços, além de áreas de lazer - sobretudo praças - concentram-se nas regiões próximas às estações de trem (Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e Estação Guanabara, esta última tendo sua expansão a partir de 1929), enquanto que à oeste da Estação Guanabara (Jardim Guanabara e Chapadão) e à sul da Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (Vila Industrial), predominam bairros residenciais.



**Figura 6:** Mapa “Análise da morfologia urbana - Cidade de Campinas (1916) - fonte: do autor.



**Figura 7:** Mapa “Análise da morfologia urbana - Cidade de Campinas (1929) - fonte: do autor.



**Figura 8:** Mapa “Análise da morfologia urbana - Cidade de Campinas (1916 e 1929) - fonte: do autor.

Quando comparados ao desenho urbano atual, os mapas de 1916 e 1929 permitem compreender as tendências naturais de transformação da cidade. Apesar de não serem utilizadas como antigamente, as estações de trem são, de certa forma, os eixos a partir dos quais o centro de Campinas se desenhou; atualmente a Rodoviária de Campinas encontra-se logo em frente à antiga Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (atual Estação Cultura), além disso, a Avenida Barão de Itapura tem o seu caminho traçado em concordância à antiga linha férrea Guanabara.

## CONCLUSÕES:

A pesquisa permitiu apreender duas vertentes que compõem o processo de estudo de morfologia urbana, sendo uma delas no contexto de montagem do material para a análise (procura de mapas antigos em fontes confiáveis, alinhamento de mapas com arquivos SIGA, georreferenciamento, etc.) e outra na análise em si (sobreposição dos mapas feitos, discussão sobre as mudanças encontradas, comparação com arquivos iconográficos antigos e atuais, etc.).

No processo de montagem do material, encontramos diversas dificuldades, sobretudo para encontrar os materiais e para alinhar ao desenho urbano atual, entretanto, esta etapa foi essencial para que um bom resultado fosse atingido, além de que também permitiu o contato com uma fonte maior de informações - que poderão ser reaproveitadas para pesquisas futuras, vide os mapas encontrados. Ademais, a percepção deste desafio possibilitou que a pesquisa fosse aceita na “XXXI Conference of the International Seminar on Urban Form”, destacando a diferenciação de precisão entre os mapas históricos e as bases cartográficas atuais.

Já no processo de análise, foi possível reiterar a confiabilidade e efetividade da visão tripartite para o estudo da morfologia urbana. Como mencionado, levantar o processo de construção e crescimento do centro de Campinas conciliando o plano e tecido urbano, conjuntamente ao padrão de uso e ocupação, permite e facilita a compreensão das características morfológicas como um sistema lógico no qual se explica a relação de uma comunidade urbana com o tecido urbano ao longo de um tempo que pode ser indeterminado.

Importante ressaltar que esta pesquisa é continuada por outra, também financiada pelo CNPq, na qual foi analisada a morfologia urbana do centro de Campinas dos anos de 1930 a 1960.

---

## BIBLIOGRAFIA

- CATALDI, G. From Muratori to Caniggia: the origins and development of the Italian school of design typology. **Urban Morphology**, v. 7, n. 1, p. 19–34, 31 jan. 2003.
- CONZEN, M. R. G. **Thinking about Urban Form: Papers on Urban Morphology, 1932-1998**. [s.l.] Peter Lang, 2004.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIMMLER NETTO, M. M. COSTA, S. D. A. P.; LIMA, T. B. Bases conceituais da escola inglesa de morfologia urbana. **Paisagem e Ambiente**, n. 33, p. 29, 25 jun. 2014.
- GUSSON, L.; MONTEIRO, Z. E. ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA: CONTRIBUIÇÕES DA METODOLOGIA INGLESA ASSOCIADA À CRIAÇÃO DE UM DATABASE HISTÓRICO-GEOGRÁFICO. 2020.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LYNCH, K. **A Boa forma da cidade**. Lisboa (PT): Edições 70, 2007.
- PIZZO, M.; MARIA, S. MORFOLOGIA URBANA E AS ESCOLAS TRADICIONAIS INGLESA E ITALIANA: DIFERENÇAS, CONCEITOS E ANÁLISES. 2017.
- PREFEITURA DE CAMPINAS. **Conheça sua Região**. Disponível em: <<https://www.campinas.sp.gov.br/governo/servicos-publicos/regioes/>>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- WHITEHAND, J.; OLIVEIRA, V. Morfologia urbana Britânica: a tradição Conzeniana. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 1, n. 1, p. 45–52, 31 dez. 2017.